



Artesãos da Grande Curitiba concorrem ao mercado internacional

Publicado em: 14/10/2005 18:22

O diretor executivo da organização não governamental americana Open City Internacional Foundation, Gerardo Coco, e a presidente da Fundação Oásis Cidade Aberta (Foca), Marília Bernardes, participaram nesta sexta-feira (14) de uma reunião com 150 artesãos de Curitiba e Região Metropolitana. O encontro marcou a primeira fase de seleção do Art Handy, programa que visa apoiar e comercializar a produção artesanal no exterior.

No Paraná, o Art Handy conta com a parceria da Prefeitura de Curitiba - através da Secretaria Municipal de Assuntos Metropolitanos e do Instituto Municipal de Turismo - e da Associação dos Municípios da Região Metropolitana de Curitiba (Assomec).

Além de ouvirem palestras sobre o programa e informações sobre o mercado internacional de artesanato, os participantes também mostraram seus trabalhos aos representantes da Open City e do seu braço brasileiro, a Foca.

O Art Handy tem a chancela da Unesco, e conta com a divulgação e distribuição de uma rede de organizações não governamentais espalhadas por vários países. A comercialização dos trabalhos é feita em lojas na Europa, nos Estados Unidos e também pela internet.

Todos os itens à venda recebem um certificado da Unesco, atestando serem trabalhos ecologicamente corretos, que não usam mão-de-obra infantil, representam a região do artesão e utilizam matéria-prima local. A certificação também atesta que o produto final faz parte de um programa de inserção social e econômica de uma região.

"O Art Handy fornece aos artesãos os instrumentos que faltam para conectá-los ao mercado global", definiu Marília Bernardes. A presidente da Foca falou sobre a amplitude do programa, que já é executado em Portugal, Itália e nos países de língua portuguesa da África. "Na América do Sul ele existe no Brasil, Bolívia e Peru", contou. Outros países, como a Índia, estão em negociação para receber o programa.

O coordenador internacional do Art Handy, Gerardo Coco, explicou o funcionamento do programa e falou sobre o mercado do artesanato no mundo, das formas de comercialização às tendências, ressaltando a necessidade de organização dos artesãos. "Histórias de sucesso passam pela existência de uma representação forte e política dos produtores", disse.

Coco também apontou a necessidade de inovação, até mesmo no caso de produtos tradicionais, de buscar um consumidor específico, pesquisar novos materiais e design. "Não falamos de artesãos, mas de indústria criativa", definiu.

Para o coordenador do Art Handy, Curitiba tem um ativo importante para o programa: a localização. "A cidade está no centro do Mercosul e seguramente pode se transformar em um ponto de referência e até em capital do artesanato", disse.

Oportunidade - "Os consultores internacionais do Art Handy estão vendo aqui trabalhos de alta qualidade, mas é importante ter em mente que este é apenas o primeiro passo para a implantação do programa", lembrou o secretário de Assuntos Metropolitanos, Rui Hara.

Depois da seleção, que começou com este encontro e vai continuar nos próximos meses, o Art Handy deve estabelecer uma programação para os artesãos que já estarão integrados e também para outros que poderão participar, mas que necessitam de algumas mudanças no seu produto. De acordo com Hara, no ano que vem deverão ser estruturadas feiras e oficinas para capacitação dos criadores.

O presidente do Curitiba Turismo, Luiz de Carvalho, destacou a oportunidade e o caráter empreendedor do

programa. "O mais importante é que não se trata de assistencialismo e, sim de um programa de apoio que visa o comércio e o lucro dos participantes".

Trabalhos usam materiais da região

Os artesãos participantes do encontro apresentaram seus trabalhos em várias salas do Centro de Capacitação da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, onde aconteceu a reunião com representantes da Open City. Além de inscrições individuais, o encontro teve também a adesão de grupos, cooperativas e associações.

É o caso, por exemplo, de um grupo da Colônia Castelhanos, de São José dos Pinhais, próxima de Guaratuba, que está se organizando como cooperativa. Os artesãos trabalham com fibra de banana e bambu. "Viajamos 90 quilômetros para chegar aqui, mas vai valer a pena, porque o programa poderá nos ajudar a criar melhor, a ter uma produção diferenciada e aumentar nossas vendas", contou Neide Marisa Votto. Ela representava 12 pessoas que fazem bolsas, sacolas, cintos, broches e tiaras de fibra de banana.

Do mesmo local, outros 20 artesãos usam bambu para fazer tochas, porta incenso, talheres, cinzeiros e cachepô. "O Art Handy pode ser uma das opções para a região", disse Waldir Gonçalves. "A Colônia Castelhanos é uma área de preservação ambiental, muito limitada para trabalhar. O artesanato ajuda bastante. Acho que nosso produto se enquadra no programa porque é ecologicamente correto, já que o bambu é renovável", explicou.

José Lúcio Oliveira levou seus entalhes de madeira - máscaras e carrancas feitos a partir de haste de palmeira. Com a folha do coqueiro, Oliveira também faz chapéus, fruteiras e outros elementos de decoração. Ele produz cerca de 40 peças por mês, que vende na Feira do Largo da Ordem, mas espera alcançar um mercado bem maior com o Art Handy. "É uma oportunidade inesperada. Estamos procurando um meio de abrir mercados e parece que pode ser este", afirmou.

Também Maria Helena Martins acha que o programa pode ser o caminho para os artesãos de Curitiba e Região Metropolitana. Ela e mais outros associados da Cooparte - Cooperativa de Artesãos Empreendedores do Paraná, recém criada, participaram do encontro para conhecer a proposta do Art Handy. "Esse programa é tudo o que eu esperava para aumentar as vendas e melhorar minha renda", contou. Maria Helena apresentou suas peças feitas de papel marchê, que incluem, entre outras, imagens das igrejas e dos pontos turísticos de Curitiba.

Trabalhando com um material tradicional, mas com resultado bastante inovador, a Oficina de Joana apresentou uma grande variedade de bijuterias de cerâmica. As peças são feitas por oito mulheres da Casa de Joana D'Arc, do Bairro Alto, uma ong que apóia 116 famílias carentes.

"É um produto de raiz bem brasileira, porque usa argila, mas é confeccionado de forma original, com cores e formatos novos e até materiais diferentes, como couro", explicou a coordenadora da Casa de Joana D'Arc, Rosângela Castro. As bijuterias são vendidas no Aeroporto Internacional Afonso Pena, em São José dos Pinhais, e têm boa aceitação, principalmente entre estrangeiros.

Leila Beatriz Gonçalves de Souza, de 19 anos, participa da oficina junto com a mãe. Segundo ela, ainda não dá pra depender só do artesanato, por isso continuam a fazer serviços de limpeza, mas a expectativa é grande. O caminho para a independência, acredita, pode estar no mercado internacional. "Já pensávamos em exportação, agora isso ficou mais fácil", disse.

Além de artesãos, o encontro também contou com a presença de representantes das prefeituras de vários municípios da Região Metropolitana, da vereadora Julieta Reis, e do professor Eloy Fassi Casagrande Junior, do Cefet. Ele levou exemplares de artesanato feito pelos alunos, num programa de desenvolvimento ecosocial premiado pelo Banco Real e Universidade Solidária no ano passado.

Com os R\$ 20 mil de prêmio, os alunos do Cefet implantaram o programa em uma comunidade de Fazenda Rio Grande. Ali, cerca de 15 pessoas confeccionam produtos feitos com bambu, objetos de decoração e de paisagismo. O foco, explicou Casagrande Junior, é o design. Segundo ele, o Art Handy pode ser um parceiro multiplicador do

projeto. "São produtos de qualidade e diferenciados, que além de contribuir com a preservação ambiental também criam oportunidades sociais", disse.

Notícia impressa em: 09/09/2006 20:12

(C) Prefeitura Municipal de Curitiba - www.curitiba.pr.gov.br